

EXEMPLO 2 (EXERCÍCIO – III ATIVIDADE COMPLEMENTAR)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE {é bom que esteja em caixa alta}

DISCIPLINA: METODOLOGIA CIENTÍFICA

DOCENTE: WILLIAM DE SIQUEIRA PIAUI

DISCENTE: Fulano de Tal

MATRÍCULA {os grifados não precisam ser caixa alta}:

ATIVIDADE

{Exercício (III – Atividade Complementar). A partir da **Fundamentação da metafísica dos costumes e Doutrina do direito** de Kant faça o seguinte exercício}

1) Contextualize, comente, explique (analise e interprete – não é necessário entregar fichamento das obras aqui mencionadas, basta a leitura exploratória para realizar o exercício), as seguintes citações:

a) “Não se poderia prestar pior serviço à moralidade do que querer extrai-la de exemplos”. (KANT, 2011 [**Fundamentação da metafísica dos costumes**], p. 44)

Pois quando se tenta exemplificar moral e ética com exemplos teria que se haver uma espécie de análise desse exemplo, onde teríamos que demonstrar o porquê dele ser considerado bom, ou nesse caso moral e ético, qual a fundamentação para tal explicação, como que ele poderia ser considerado o padrão da moral e ética?, dessa forma não se poderia chegar a essa conclusão sem a ideia de “supremo conceito” (KANT, 2007 [Fundamentação da metafísica dos costumes**], p. 42) do que seria a moral e a ética, deste modo somente Deus teria o poder de ser considerado Bom de verdade, mas mesmo Deus para Kant há de se tentar entender de onde que poderíamos fundamentar a perfeição moral de Deus se até os “santos” afirmam não poderem ser considerados bons o suficiente, sendo assim essa atribuição só pode ser direcionada a Deus, no entanto {,} se torna inconclusivo tentar utilizar de exemplos para prestar serviço a moralidade. {O aluno optou por colocar as suas respostas em negrito, certamente para diferenciá-las das perguntas, talvez a melhor opção seja utilizar o itálico, também porque gasta menos tinta, de todo modo é preciso estar atento à utilização desses recursos em geral, já que será preciso utilizar um outro recurso quando da necessidade de marcar o texto; pelo mesmo motivo, tendo em vista que se trata apenas de um exercício, utilizaríamos o espaçamento simples, gasta menos papel, e o máximo de caixa baixa, gasta menos tinta, e também não é preciso capa ou, muito pior, encadernar! Lembrem-se que tudo isso sempre acaba no lixo!}**

b) “Praticamente bom é porém aquilo que determina a vontade por meio da representação da razão, por conseguinte não por causas subjetivas, mas objetivamente, quer dizer por princípios que são válidos para todo ser racional como tal. Distingue-se do agradável, pois que este só influi na vontade por meio da sensação em virtude de causas puramente subjetivas que valem apenas para sensibilidade deste ou daquele, e não como princípio da razão que é válido para todos”. (KANT, 2011 [**Fundamentação da metafísica dos costumes**], p. 51)

Praticamente bom não deve ser considerado aquilo que gostamos ou {que desejamos por} nossa vontade, isso vai de encontro {no sentido de ir contra} ao princípio {imperativo [O que é?]} categórico de Kant que é objetivo, não diz respeito a vontades particulares, mas sim a {à} razão, essa sempre será válida a {para} todos, pois o imperativo categórico

seria a junção de leis objetivas com as imperfeições das subjetivas e as vontades humanas, a fim de exprimir a relação entres esses temas e chegar em uma fórmula comum racional que vale para todos. {A/C, ainda não está claro}

c) “Ora, todos os imperativos ordenam hipotética ou categoricamente. Os hipotéticos representam a necessidade prática de uma ação possível como meio de alcançar qualquer outra coisa que se quer (ou que é possível que se queira). O imperativo categórico seria aquele que nos representasse uma ação como objetivamente necessária por si mesma, sem relação com qualquer finalidade. (KANT, 2011 [Fundamentação da metafísica dos costumes], p. 52).

Dessa forma teríamos que o {imperativo [O que é?]} hipotético tem uma finalidade traçada, mas os seus fins justificam os meios para alcançar essa finalidade? O {imperativo [O que é?]} categórico por sua vez vai independer da finalidade, pois ele se faz necessário em si próprio. Assim se uma ação é considerada boa, mas apenas como um meio para alcançar alguma coisa, estamos falando do imperativo de ordem hipotética, pois essa só passa a ser boa porque tem um objetivo determinado, mas se a ação for boa por si só, consequentemente necessária e baseada na razão, então teríamos o imperativo categórico.

d) “O imperativo prático será pois o seguinte: Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio”. (KANT, 2011 [Fundamentação da metafísica dos costumes], p. 73)

Ou seja{,} quando usamos de uma mentira para enganar alguém e conseguir obter algo daquela pessoa, imaginemos uma golpe, uma fraude, o sujeito utiliza-se do homem como meio para alcançar um fim determinado, já se pensarmos no homem como fim, poderemos pegar o exemplo de Kant a respeito do suicídio, onde o individuo pode chegar a analisar se essa ação possuiria fim em si mesmo com base na ideia de humanidade, mas para ele o homem nesse caso estaria sendo apenas “um simples meio para conservar até ao fim da vida uma situação suportável” (KANT, 2007 [Fundamentação da metafísica dos costumes], p. 70) ou seja, como o homem não é apenas um objeto, ele não poderá ser utilizado simplesmente como meio, mas sempre com fim em si próprio.

e) “O uso especulativo da razão, com respeito à natureza, conduz à absoluta necessidade de qualquer causa suprema do mundo; o uso prático da razão, com respeito à liberdade, conduz também a uma necessidade absoluta, mas somente das leis das ações de um ser racional como tal”. (KANT, 2011 [Fundamentação da metafísica dos costumes], p. 124)

As leis naturais são necessárias, e o imperativo {,} como já visto anteriormente {,} seria a lei que se dá por si mesma como ser racional {que nos damos a nós mesmos como seres “livres” e racionais}. Dessa forma esse conhecimento do racional deve ser levado com a consciência de sua necessidade, pois para Kant sem essa necessidade não se teria o conhecimento enquanto razão, mas de certa forma essa necessidade pode ser limitante já que ela pressupõe que essa razão pode não “conhecer a necessidade nem do que existe ou acontece, nem do que deve acontecer” (KANT, 2007 [Fundamentação da metafísica

dos costumes], p. 116) assim ela teria que criar uma condição do porque aquilo existe, acontece ou porque deveria acontecer de tal forma.

f) “Essas leis da liberdade [quais?] são chamadas de morais, de forma a serem distinguidas das leis naturais ou físicas. Quando se referem a ações externas e a sua legitimidade, são chamadas de jurídicas. Porém, se, além disso, exigem que as próprias leis sejam os princípios determinantes da ação, então são chamadas de éticas na acepção mais própria da palavra. E então diz-se que a simples conformidade da ação externa com as leis jurídicas constitui sua legalidade; sua conformidade com as leis morais e sua moralidade. A liberdade, à qual se referem as leis jurídicas, pode ser tão somente a liberdade na prática externa; mas aquela liberdade à qual se referem as segundas leis [quais?] deve ser a liberdade no exercício exterior e interior do arbítrio, quando está determinado pelas leis racionais”. (KANT, 2011 [Doutrina do direito], p. 23)

Kant diferencia as leis de liberdade das naturais e {ou} físicas, justamente por serem chamadas de moral e se diferenciarem das leis jurídicas {precisa explicar muito melhor}, essas leis jurídicas são como uma ideia de alongamento {prolongamento, ampliação} das leis de liberdade as {até as} ações externas atreladas a conformidade com a legislação. Já as leis racionais são como por exemplo o imperativo categórico, que é uma espécie de lei universal, para a { } Kant todas as ações que dependem do livre arbítrio do indivíduo, lembrando que esse livre arbítrio é baseado na razão, essas ações por consequência podem ser consideradas morais, assim sendo boas, de forma que estariam em conformidade com as leis universais, que de âmbito geral são validas para todos {A/C, todo esse trecho mostra que com um pouco mais de domínio da escrita e da leitura o aluno passaria a comentar com muito mais propriedade e mais adequadamente a filosofia moral e do direito de Kant}.

{A/C Geral: O aluno parece estar muito confuso ainda; apesar de compreender algumas das ideias fundamentais do texto, não parece dominar o vocabulário e as opções de estruturas gramaticais que o ajudariam a falar mais desenvolta e corretamente dos assuntos envolvidos. Chamá-riamos atenção para os seguintes itens: 1) nenhuma menção a obras lidas; 2) nenhuma citação; 3) não listou as referências bibliográficas do presente trabalho.}